

ESTADOS UNIDOS

Trump contra-ataca

Mencionado em vários e-mails trocados pelo pedófilo e traficante sexual Jeffrey Epstein, o presidente republicano anuncia investigação federal sobre a relação entre o criminoso e lideranças democratas, incluindo o antecessor Bill Clinton

» RODRIGO CRAVEIRO

Depois de seu nome aparecer em vários e-mails enviados pelo pedófilo e traficante sexual Jeffrey Epstein, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, resolveu partir para a ofensiva. Não somente acusou os democratas de montarem uma "farsa", mas também decidiu solicitar um inquérito federal para apurar laços do financista criminoso com Bill Clinton, 79 anos, que governou os Estados Unidos entre 1993 e 2001. "Agora, que os democratas estão usando a fraude Epstein para tentar desviar o foco de seu desastroso shutdown, e todos os seus outros fracassos, eu pedirei à procuradora-geral Pam Bondi, e ao Departamento de Justiça, junto aos nossos grandes patriotas do FBI (polícia federal americana), para que investiguem o envolvimento de Jeffrey Epstein e seu relacionamento com Bill Clinton, Larry Summers, Reid Hoffman, J. P. Morgan Chase e muitas outras pessoas e instituições", escreveu Trump em sua plataforma Truth Social.

"Registros mostram que esses homens, e muitos outros, passam largas porções de suas vidas com Epstein, e em sua 'ilha'. Fiquem ligados!", acrescentou. Summers, 70, foi secretário do Tesouro do governo Clinton; Hoffman, 58, é empresário, cofundador e presidente do LinkedIn; e a J. P. Morgan Chase é uma das maiores instituições de serviços financeiros do mundo. Em nova publicação, no mesmo ambiente virtual, o presidente republicano acusou os democratas de fazerem "tudo o que podem, com seu poder decadente, para impulsionar novamente a farsa sobre Epstein, apesar de o Departamento de Justiça ter publicado 50 mil páginas de documentos".

Trump sublinhou que Epstein "era democrata." "É um problema dos democratas, não dos republicanos. Alguns republicanos fracos caíram nas garras (dos democratas) porque são fracos e tolos", criticou o presidente. A Câmara dos Representantes pretende votar um projeto de lei que determina a publicação de todos os documentos do caso Epstein, na próxima semana. O banco J. P. Morgan Chase, que anunciou o pagamento de US\$ 290 milhões (ou R\$ 1,54 bilhão) às vítimas de Epstein, declarou: "Lamentamos as relações que mantivemos com este homem, mas não o ajudamos a cometer suas ações odiosas".



Clinton, 79 anos, governou por dois mandatos, entre 1993 e 2001



Jeffrey Epstein morreu em 2019, na prisão: provável suicídio

Charly Triballeau/AFP

U.S. Southern Command



Pentágono divulga fotos de porta-aviões e detalha Operação Lança do Sul

O U.S. Southern Command (Comando do Sul dos Estados Unidos) divulgou imagens do USS Gerald R. Ford, o maior porta-aviões do mundo, deslocando-se pelo Mar do Sul do Caribe, acompanhado de oito caças, um cargueiro e três destróieres. Também ontem, um dia depois de anunciar a Operação Lança do Sul, às portas da Venezuela, o Pentágono esclareceu que a iniciativa busca "formar uma força operacional conjunta em torno do quartel-general da segunda missão expedicionária de marines (fuzileiros), a fim de incrementar a capacidade para detectar, desarticular e desmantelar as redes de tráfico, (...) junto aos países sócios". Ainda segundo o Pentágono, a estratégia se concentrará no mar, com patrulhas marítimas, vigilância aérea, interceptações de precisão e intercâmbio de inteligência. O general de brigada aposentado venezuelano Antônio Rivero González não crê que os EUA iniciariam uma guerra de confrontação contra a Venezuela. "Será uma operação, fundamentalmente, de captura. Os americanos têm superioridade e inteligência para se sobrepor a qualquer adversidade ou inimigo; neste momento, o regime de Nicolás Maduro e o Cartel Los Soles", afirmou à reportagem.



Registros mostram que esses homens, e muitos outros, passam largas porções de suas vidas com (Jeffrey) Epstein, e em sua 'ilha'”

Donald Trump, presidente dos EUA, ao citar Bill Clinton e Larry Summers

SEC (comissão que regula o mercado financeiro nos EUA) que foi alçado ao posto de promotor pelo próprio Trump.

Professor de ciência política da Faculdade de Governo John F. Kennedy da Universidade de Harvard, Matthew Baum acredita que a estratégia de Trump envolve desvio de atenção. "Imagino que seja uma tentativa de desviar o foco da controvérsia de Epstein dele mesmo para outra pessoa, neste caso, um democrata proeminente (Clinton)", afirmou ao *Correio*, por e-mail. "Este é um

dos poucos assuntos que dividem a coalizão Make America Great Again ('Tornar os EUA grandes novamente'). Portanto, ele prefere que as notícias se concentrem em praticamente qualquer outra coisa."

Para Baum, o escândalo envolvendo os e-mails de Epstein devolve a controvérsia às primeiras páginas dos noticiários. "Talvez isso aumente o ímpeto para a petição de desobstrução na Câmara dos Representantes, o que autorizaria a divulgação de todos os arquivos do caso Epstein que estão em posse

do Legislativo. Acredito que, antes mesmo da divulgação de algumas das mensagens, havia 218 votos a favor desse pedido de fim de sigilo", comentou o professor de Harvard. Ele entende que as citações a Trump nos e-mails podem prejudicar os esforços da Casa Branca para pressionar deputados republicanos a votarem contra a divulgação total dos documentos.

Conhecimento

As mensagens eletrônicas divulgadas na quarta-feira

pelos democratas da Câmara dos Representantes sugerem que Trump tinha conhecimento das práticas criminosas de Epstein. "Eu sei o quanto sujo Donald é", escreveu o financista a Kathryn Ruemmler, ex-conselheira da Casa Branca durante o governo de Barack Obama. Os e-mails também revelaram que Trump "sabia sobre as garotas" e até "passou várias horas" com uma delas. Em um dos textos, Epstein disse que poderia derrubar o presidente dos Estados Unidos.



Conexão diplomática
POR SILVIO QUEIROZ
silvioqueiroz.df@gmail.com

Por quem os sinos dobram em Belém?

Os impasses da primeira semana de discussões da conferência, propriamente dita, ilustram o tamanho do desafio dos negociadores para que a COP30 seja concluída com os resultados esperados. Como anfitrião e organizador, o governo brasileiro apostou alto: desafiou os demais participantes a firmarem compromissos efetivos em torno de medidas para conter as mudanças climáticas.

Até ontem, faltavam 88 dos 193 países-membros da ONU apresentarem suas metas de redução das emissões de carbono — e as iniciativas para atingi-las. Em conjunto, porém, os que formalizaram compromisso são responsáveis por três quartos das emissões.

Um primeiro sinal de alerta vem dos dados repetidos e consistentes que indicam, sem margem a dúvida: no ritmo atual, não será atingido o objetivo de limitar o

aquecimento global a 1,5 grau acima das temperaturas médias do planeta antes da era industrial. O limite já foi superado.

Vai ou racha

Foi o próprio presidente Lula, que brigou pela realização da conferência na Amazônia, quem batizou o evento como "a COP da verdade". E chamou os demais governantes a mostrar, efetivamente, ao que estão dispostos.

Liderança na pauta ambiental global é uma das vigas-mestras da política externa para o mandato iniciado em janeiro de 2023 — e que o presidente planeja renovar por mais quatro anos no fim de 2026.

Piores e outras, o sucesso da COP30, faltando um ano para a eleição presidencial, é parte essencial do planejamento traçado no Planalto.

Tropa de elite

Não por acaso, a equipe negociadora do país em Belém tem à frente um nome que a mídia doméstica — e mesmo a estrangeira — acostumou-se a ver nos bastidores dos eventos internacionais presididos pela diplomacia brasileira desde 2023.

O embaixador Maurício Lyrio, secretário do Itamaraty para Clima, Energia e Meio Ambiente, chefiava os negociadores na COP. Antes, como secretário de Assuntos Econômicos e Financeiros, foi o sherpa do Brasil nas cúpulas do G20 e do Brics — ambas reunidas no Rio, em 2024 e em julho último, respectivamente.

Antes de se transferir de vez para a Amazônia, o diplomata acompanhou o chanceler Mauro Vieira em Washington, na primeira reunião presencial com o secretário de Estado Marco Rubio.

Ausências presentes

Os EUA, por sinal, puxam a fila das ausências mais eloquentes na capital paraense. Assim que retornou à Casa Branca, em janeiro último, Donald Trump não pouparon estardalhaço para formalizar a retirada do país do Acordo de Paris sobre o clima. Negacionista de primeira hora, o magnata imobiliário repetiu o gesto de 2017, quando sucedeu Barack Obama, que assinara o texto adotado pela ONU em 2015.

O presidente da China, Xi Jinping, ombrêa com Trump no topo da lista de ausentes, embora o império milenar venha assumindo liderança na pesquisa, desenvolvimento e implantação de tecnologias voltadas para a transição energética.

Próximo de completar oito décadas, o regime comunista de Pequim disputa a liderança global com Washington também na agenda ambiental. Mas bate o pé em um ponto que tem sido, igualmente, um dos mantras de Brasil, Índia, África do Sul e demais emergentes agrupados no Brics: cabe às potências

econômicas afirmadas na Revolução Industrial custear a transição dos países em desenvolvimento para a economia pós-carbono.

Quem tem, põe

É essa, possivelmente, a razão da China para recusar, por ora, algum apoio ao fundo internacional lançado pelo Brasil para financiar a preservação das florestas. O TFFF, sigla em inglês para Fundo Florestas Tropicais para Sempre, é uma das vedetes que o anfitrião preparou para fazer o debut em Belém.

No âmbito dos sócios emergentes, ganhou de pronto a adesão da Indonésia, que compartilha com Brasil e Congo a condição de solo dos biomas protegidos pelo novo fundo.

Falta, nessa frente, arrastar a adesão da Índia, que desponta entre as economias que mais crescem — e entre os países que mais emitem carbono. Até ontem, o governo direitista hinduista de Nova Déli estava entre os que relatavam em apresentar na COP as próprias metas de descarbonização.